

CASALDÁLIGA

Na despedida, a parábola de toda uma vida

* Balsareny – Catalunha - Espanha: 16 de fevereiro de 1928
+ Batatais SP – Brasil: 08 de agosto de 2020

Na manhã do domingo, dia 9 de agosto, no presbitério da Igreja dos Claretianos em Batatais SP, ao redor do altar e do ambom, mesa do Pão e mesa da Palavra, encontravam-se Dom Moacir Silva, arcebispo de Ribeirão Preto SP, acompanhado por outros bispos, presbíteros e diáconos, para a missa de exéquias de Dom Pedro Casaldáliga CMF, falecido na manhã anterior.

Na nave da igreja, separada do presbitério e do altar, estava plantado Pedro, no espaço reservado ao comum dos batizados e batizadas, imóvel, na sua última e solitária conversa com Deus.

Como Jesus, que se retirou do tumulto da multidão que o cercava e queria aclamá-lo rei, depois que multiplicara os cinco pães e dois peixes para cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças, assim também ganhava Pedro, aquele espaço apartado, para seu merecido descanso.

Partiu para orar sozinho, como tantas vezes fizera Jesus:

“Depois de despedi-las [as multidões] subiu à montanha sozinho para rezar” (Mt 14, 23).

Cedo nas madrugadas ou tarde nas noites, Pedro sempre foi um orante, em contínuo diálogo com Deus, um místico naquela comunhão do amado com a amada.

Tinha o seu cantinho para orar, uma capelinha aberta, sem portas nem janelas para serem fechadas, em comunhão com a natureza em volta, com árvores e pássaros, aberta para quem quisesse entrar, juntar-se ao Ofício das Comunidades ou rezar sozinho.

Mas Pedro prosseguia sempre, em qualquer circunstância, no seu diálogo interior. Isso, mesmo quando sacoleja horas a fio nos ônibus precários pelas estradas de terra da Prelazia, ou mal acomodado nos barcos, subindo e descendo o Araguaia, para visitar comunidades ribeirinhas ou aldeias indígenas.



Capela na casa de Dom Pedro Casaldáliga, com paredes abertas para as árvores e os pássaros (Foto: CPAL Social)

Pés descalços



Nos interiores do Brasil, os pobres não calçam sapato usualmente. Sapato é um luxo. No dia a dia, arrastam um chinelo de dedo, uma havaiana que custa pouco e protege apenas a sola do pé e será gasta até o osso.

São tratados como coisa pouca e com uma ponta de desprezo, como um “Zé ninguém” ou um “Pé rapado”.

Pedro faz sua última caminhada de volta para São Felix, num caixão simples, de pés descalços.

Como não evocar, a ordem do anjo do Senhor, a Moisés, que se aproximava para ver de perto a sarça “*que ardia sem consumir-se*” (Ex 3, 2):

“*Disse Deus: -- Não te aproximes. Tire as sandálias dos pés, pois o lugar que pisas é terra sagrada*” (Ex 3, 5).

Para o seu encontro com Deus, Pedro despojou-se até do pouco que calçava para suas andanças missionárias. Tinha saltado nu do ventre de sua mãe. Volvia agora, de pés descalços e reverente, para a terra sagrada de Deus.

Podia exclaimar como Jó: “—*Nu sai do ventre de minha mãe e nu voltarei a ele. O Senhor o deu, o Senhor o tirou: bendito seja o nome do Senhor*” (Jó 1, 21).

Aberta pouco acima dos seus pés, estava postada sua fiel companheira, a Palavra de Deus.

A Bíblia iluminou sempre o seu peregrinar:

“*Tua Palavra é lâmpada para os meus pés e luz para o meu caminho*” (Sl 119, 105).

A Pedro e a seu incansável caminhar para anunciar a boa notícia do evangelho, pode-se aplicar o que dizia o profeta Isaías:

“*Quão formosos por sobre os montes os pés daquele que anuncia a paz, daquele que anuncia o bem*” (Is 52, 7).

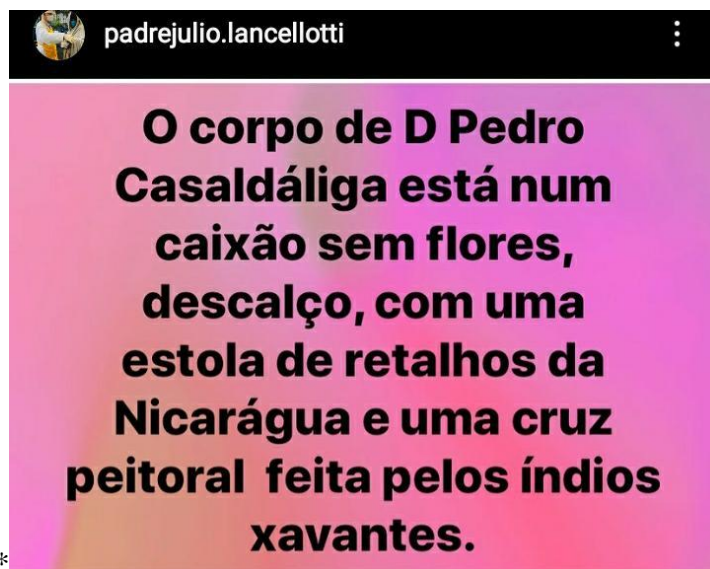
Caixão sem flores

Bispos são enterrados normalmente paramentados, com a mitra na cabeça, anel episcopal no dedo anular, cruz peitoral, sinais do seu ofício litúrgico e do seu ministério pastoral, mas também do seu poder.

Nos funerais de pessoas mais destacadas, dezenas de coroas de flores costumam cercar o caixão. Mesmo pessoas mais pobres fazem questão de prestar sua última homenagem ao morto querido. Colocam flores no caixão e encomendam pelo menos uma coroa com o nome do falecido e a homenagem da família.

Pe. Julio Lancelotti, constituído por Dom Paulo Evaristo Arns, Vigário episcopal da Arquidiocese de São Paulo para o Povo da Rua, postou nas redes sociais:

“O corpo de Dom Pedro Casaldáliga está num caixão sem flores, descalço, com uma estola de retalhos da Nicarágua e uma cruz peitoral feita pelos índios Xavante”.



Ali estavam os seus amores, o povo pé no chão, posseiros, peões das fazendas, quilombolas, ribeirinhos, os povos indígenas da Prelazia: Xavante, Tapirapé, Javaé e Karajá, e a Pátria grande latino-americana, figurada na sofrida Nicarágua, portadora, um dia, de mil sonhos e esperanças, depois de derrubar a ditadura de Somoza, promover a reforma agrária e encetar a grande campanha de alfabetização dos “campesinos”:

“Ai Nicaragua, Nicaraguita, la flor más linda de mi querer”.

Ensanguentada por uma guerra de baixa intensidade, patrocinada pelo império, encontrou em Pedro alma compassiva para consolar as mães de jovens ceifados pela guerra e que não encontravam quem por eles celebrasse uma missa. Encontraram também nele a voz profética que denunciava a política genocida de Reagan e o silêncio timorato de parte da Igreja.

Cruz peitoral Xavante



Foto tirada por Deijalsina Gonçalves na passagem de Pedro por Aragarças MT: 10-08-2020

Os Xavante são exímios mestres na arte da cestaria. Entrelaçam as fibras do buriti e de outras palmeiras para tecer as faixas que as mães colocam firmemente na testa para sustentar diante do peito, na própria faixa ou num cestinho, a criança que estão amamentando. As mães mantêm, assim, as mãos livres e desimpedidas, para seguirem com seu trabalho.

A faixa pode sustentar ainda o grande cesto com que retornam da roça curvadas sob o peso de cachos de banana, raízes de mandioca ou espigas de milho.

A cruz peitoral de Pedro, não era nem de ouro, nem de prata, muito menos cravejada de pedras preciosas. Vinha tecida nas dores e sonhos do povo Xavante e na sua altivez e orgulho por haver reconquistado a terra, de onde haviam sido arrancados.

Em 1966, foram deportados em aviões da FAB para a missão salesiana de São Marcos, a centenas de quilômetros mais ao sul do Mato Grosso, para assim “limpar” suas terras, para entregá-las “livres e desimpedidas”, de mão beijada, aos novos “donos” do pedaço.

Na terra dos Xavante, a família Ometto desmatou e implantou, com incentivos fiscais do governo federal e generoso financiamento da SUDAM, a Fazenda Suiá-Missu, um imenso latifúndio de 693.843 hectares.

A cruz era denúncia, mas também celebração pela terra reconquistada. Apenas em 2012, depois de mais de 40 anos de persistente luta junto aos tribunais da parte do povo Xavante, de Dom Pedro, da Prelazia, do CIMI e de organizações indígenas e de direitos humanos, por sentença do Supremo Tribunal Federal, a terra Marãiwatsédé foi restituída aos Xavante.

Estalaram, então, violentos conflitos e ameaças, quando a Polícia Federal começou o processo de desintrusão dos não indígenas daquela terra xavante, quase toda desmatada, nos municípios de São Félix MT e Alto Boa Vista MT. Fazendeiros e políticos haviam se apropriado de parte desta terra e retalhado para si sítios e fazendolas. Incentivaram ainda centenas de posseiros e lavradores sem terra a ocuparem o território para evitar o retorno dos Xavante. Depois da primeira ocupação, houve negociação desses lotes, que passaram às mãos de terceiras pessoas.

As ameaças de morte recaíram sobretudo sobre Dom Pedro, já emérito, em cadeira de rodas e debilitado pelo seu novo amigo, que não o abandonava, o Irmão Parkinson, como gostava de repetir. Contra o seu querer, tomou-se a decisão extrema de retirá-lo de São Felix, para local ignorado, para não ser assassinado. Poucas semanas depois, por insistência sua, foi trazido de volta para o seu lugar, no meio de seu povo, por mais que continuassem pesando sobre sua cabeça os riscos de sempre. Desde que iniciou seu ministério na Prelazia, sua cabeça foi colocada a prêmio.

As contas daquela singela cruz sobre seu peito eram de sementes do capim navalha. Na região, esse capim é chamado de tiririca¹. Formavam no centro uma cruz de cor marrom escuro, e

¹ Algumas observações ao texto original como esta, sobre as sementes que formavam a cruz peitoral de Pedro e outras assinaladas mais adiante, foram gentil e fraternalmente repassadas ao autor por Antônio Canuto (AC) e por Luiz Gouvêa de Paula e sua esposa Eunice (LE). Canuto, hoje na CPT nacional, foi companheiro de primeira hora de Pedro nos trabalhos missionários da Prelazia, autor de uma história daquela região e de uma história da Igreja na Prelazia de São Félix, já nos retoques finais, para entrar no prelo. Luiz e Eunice foram por trinta e nove anos professores na Aldeia Tapirapé. Dedicaram-se a construir, junto com os Tapirapé, adultos e crianças, o material escolar para o ensino bilingue, Tapirapé/Português. Deram decisiva contribuição para a publicação da gramática e dicionário da Língua Tapirapé. Na aldeia, já se encontravam, desde 1952, as Irmãzinhas de Jesus. Sobre as Irmãzinhas e o casal escreveu

nas bordas, outra de cor mais clara. Era sustentada por um cordão de embira, delicado, mas fortemente entrelaçado pelas mulheres e enfeitado com outras contas de capim. Essa cruz era símbolo e memória desta longa, sofrida e vitoriosa jornada de indefectível solidariedade de Pedro ao povo Xavante, na sua luta de décadas para a reconquista de seu território.

O terço da “comadre” Maria

Era assim que Pedro tratava, com intimidade e familiaridade, a Maria, a “comadre” do povo nas suas lágrimas e nos seus festejos. Assim como na vida do povo dos sertões do Araguaia e da piedade popular brasileira, Maria sempre foi companheira constante, inspiração e guia na vida de Dom Pedro.



Casaldáliga na Apresentação da Gramática Tapirapé: *“As Irmãzinhas de Jesus e o casal Luís e Eunice, com o seu Wāpurã agora rapaz ritualmente reconhecido, não permaneceram, longos anos, no meio do Povo Tapirapé somente de “ouvido desarmado”. Ficaram na aldeia de coração aberto, em convívio diário, experimentando as angústias, as alegrias e as vitórias desse Povo tupi-guarani, sobrevivente ao grande saque de conquistadores, bandeirantes e latifundiários.* In Almeida, Antônio; Irmãzinhas de Jesus; Paula, Luiz Gouvêa de. 1983. [A língua Tapirapé](#). Rio de Janeiro: Biblioteca Reprográfica Xerox.

Com seu povo romeiro, desfiava as contas do rosário feito com sementes de capim e que estava ali entrelaçado em suas mãos, para acompanhá-lo nessa sua última peregrinação.

A Maria de Pedro, era a humilde, mas destemida menina/moça do Magnificat, que ele cantou na *Missa da Terra sem Males* e na *Louvação a Mariama* na *Missa dos Quilombos*², composta com letra do Pedro Terra e do próprio Casaldáliga e música do Milton Nascimento:

“- *Mariama,*
Iya, Iya, ô,
Mãe do Bom Senhor!
Maria Mulata,
Maria daquela
colônia favela,
que foi Nazaré.
Morena formosa,
Mater dolorosa,
Sinhá vitoriosa,
Rosário dos pretos mistérios da Fé.

[...] Mucama Senhora e Mãe do Senhor
Canta sobre o Morro tua Profecia,
que derruba os ricos e os grandes, Maria.

Ergue os submetidos, marca os renegados.
samba na alegria dos pés congregados.
Encoraja os gritos, acende os olhares,
ajunta os escravos em novos Palmares.

Desce novamente às redes da vida
*do teu Povo Negro, Negra Aparecida!!!”*³.

O anel de tucum

Muitos ficavam intrigados acerca das tradicionais insígnias que se recebem na sagração episcopal: o báculo, a mitra e o anel.

No cartão/lembrança que os participantes da celebração receberam naquela manhã de 23 de outubro de 1971, estavam declarados os compromissos de Pedro, para a missão que estava recebendo:

² Na Missa dos Quilombos, foi ainda inserida a bela *Invocação a Mariama* de Dom Helder Camara. Ele a declamou ao final da Missa celebrada pelo Arcebispo negro da Paraíba, Dom José Maria Pires, na noite do 21 de novembro de 1981, no Pátio do Carmo no Recife, ali onde a cabeça de Zumbi dos Palmares, morto a 20 de novembro de 1695 fora espetada até sua total decomposição, para humilhação e escárnio dos escravos fugidos, que por mais de 70 anos defenderam nos quilombos da Serra da Barriga (AL) seu chão de liberdade reconquistada. (Reparado enviado ao autor pelo poeta, violeiro e trovador, Matsuel Martins da Silva).

³ Louvação Mariana, in CASALDÁLIGA, Missa dos Quilombos.

*“Tua mitra será um chapéu de palha sertanejo,
o sol e o luar; a chuva e o sereno;
o olhar dos pobres com quem caminhas
e o olhar glorioso de Cristo, o Senhor.*

*Teu báculo será a verdade do Evangelho
e a confiança do teu povo em ti.*

*O teu anel será a fidelidade à Nova Aliança do Deus Libertador
e a fidelidade ao povo desta terra.*

*Não terás outro escudo que a força da Esperança
e a liberdade dos filhos de Deus,*

nem usarás outras luvas que o serviço do Amor.”

“O báculo de Pedro foi um remo tapirapé cuidadosamente esculpido em madeira pelo Marcos Xako’iapãri Tapirapé, um grande e sábio líder tapirapé.

Acima do cabo do remo, a forma foi modificada à maneira de um báculo. Tudo foi feito sob a orientação das Irmãzinhas de Jesus. O remo foi feito de cerne do pau brasil, uma madeira nobre⁴.

A mitra foi um chapéu de palha, sinal do compromisso de Pedro com um pastoreio identificado com o povo no seu dia a dia e inculturado nos costumes da região.

Também não colocou o anel que lhe fora doado por seus amigos do Movimento dos Cursilhos de Cristandade que ele havia acompanhado na Espanha e fora implantar, como jovem missionário, na África. O anel ele o ofereceu à sua mãe idosa, como lembrança do filho sagrado bispo.

A jura de amor e compromisso de Pedro com o povo da sua prelazia, sobretudo com os deserdados, esquecidos, injustiçados e perseguidos estava gravada no seu coração.

O sinal visível dessa sua aliança esponsalícia estava colocado ali no frágil anel de tucum, que mãos indígenas, em muitas horas de paciente e laborioso trabalho artesanal conseguiam arrancar do coquinho dessa palmeira comum na Amazônia.

No filme, “O Anel de Tucum”, Pedro interrogado sobre o seu significado, respondeu:

“O anel de tucum é sinal da aliança com a causa indígena e com as causas populares. Significa que quem carrega esse anel assumiu essas causas e as suas consequências”.

Ali no caixão, o anel de tucum estava firme no dedo anular de sua mão esquerda que, entrelaçada com a direita, segurava o terço.

⁴ LE

Espanha e Catalunha: a terra natal

Pedro nunca perdeu suas raízes fincadas na terra do Dom Quixote.

Era carinhoso, terno e paciente com as crianças, as “comadres” e o povo miúdo das comunidades; impaciente e mesmo duro com os arrogantes e prepotentes, que se julgavam donos do pedaço, desprezavam, esbulhavam e maltratavam os pequenos.

Para sua santa indignação e fúria profética, serviam-lhe bem a teimosia espanhola e a rebeldia catalã. Teimosia, *terquedad*, em espanhol, que é qualidade de pessoa decidida, quase beirando nosso “cabeça dura”, no bom sentido da persistência e de quem não arreda pé, mas também daquele que é difícil de convencer do contrário... nos seus propósitos e convicções.

Para seus voos poéticos e os cantares do amado à sua amada, Casaldàliga bebeu da grande tradição dos místicos espanhóis do século XVI, Tereza d’Avila e São João da Cruz, seus mestres no caminho espiritual da contemplação e da ação decidida.

Nunca esqueceu, seu torrão natal, a pequena Balsareny, de pouco mais de três mil habitantes, cujo terreno seco e pedregoso foi sendo amanhado ao longo de séculos, pelas mãos pacientes de seus lavradores. Tampouco foi esquecido por familiares e amigos que o acompanhavam e apoiavam em suas iniciativas pastorais e sociais e iam, quando podiam, visita-lo às margens do Araguaia.

Por seu lado, Pedro acolheu e seguiu à risca o chamado para o seguimento incondicional de Jesus. Partiu para o Araguaia, como missionário claretiano em 1968.

Em 1971, fizeram-no bispo. Pode-se parafrasear o relato do evangelista Marcos, quando Jesus quis se retirar com os discípulos à sós para um lugar despovoado. Não foi o que aconteceu: *“Mas muitos os viram partir, e se deram conta. De todos os povoados foram correndo a pé, até lá, e chegaram antes deles. Ao desembarcar, viu uma grande multidão, e sentiu pena, porque eram como ovelhas sem pastor”* (Mc 6, 33-34).

Pedro partiu para a missão e nunca mais voltou à Espanha.

Só saiu do Araguaia, para prestar destemida e desafiante solidariedade ao povo da Nicarágua, El Salvador e Guatemala, martirizado por uma guerra sem fim, eufemisticamente chamada de *“baixa intensidade”* alimentada e financiada pelo império. Só em El Salvador, onde foi assassinado o arcebispo Oscar Romero, massacrados os jesuítas da Universidade da América Central – UCA, a guerra deixou mais de 70.000 mortos e 1 milhão de deslocados, sobretudo camponeses pobres, que tiveram que deixar suas pequenas de terra ou migrar para fora do país. Papa Francisco foi direto ao ponto, ao dizer que por detrás de um eufemismo, sempre se esconde um crime. Na Guatemala, as maiores vítimas foram as comunidades indígenas.

Por causa dessa sua solidariedade, Pedro, precisou ir a Roma, para fazer sua visita *“ad limina [apostolorum]”*, sempre adiada, e explicar suas viagens para fora de sua prelazia e seu apoio à revolução popular sandinista, num momento em que Reagan armava os “contra” na Nicarágua e financiava, ao mesmo tempo, o Sindicato Solidariedade na Polônia. O Sindicato e seu líder Lech Walesa eram muito caros ao Papa João Paulo II. Pedro fez a visita obrigada a Roma, mas sem “aproveitar” a viagem à Europa, para passar pela Catalunha para rever sua família.

Pedro tinha muito presente a Jesus, no seu caminho para Jerusalém, ao final de sua jornada terrestre. Aquele que queria primeiro enterrar o pai, antes de segui-lo, ouviu de Jesus: “—*Deixa que os mortos enterrem seus mortos; quanto a ti, vai anunciar o Reinado de Deus*” (Lc 9, 60). Anunciar o Reinado de Deus, foi o que Pedro fez incansavelmente toda sua vida. Foi com o coração, certamente sangrando, que não viajou à Espanha, para estar ao lado de sua mãe, no momento de sua Páscoa definitiva.

Àquele que quis despedir-se de sua família, para depois acompanhá-lo, Jesus replicou-lhe: “—*Quem põe a mão ao arado e olha para trás, não é apto para o reinado de Deus*” (Lc 9, 61). O arado de Pedro, nunca deixou de lavrar, mirando sempre em frente, com o olhar posto no futuro: “... *agarrava-se ao invisível, como se fosse visível*” (Hb 11, 27).

Na Igreja, em Batatais, depois da bênção de encomendação do seu corpo, por vídeo, o presidente da CNBB, Dom Walmor Oliveira de Azevedo, dirigiu-se aos presentes:

“Dom Pedro marcou sua vida pela solidariedade em relação aos mais pobres e sofridos, fazendo de seu ministério, sua poesia e sua vida um canto à solidariedade. Preocupado em “nada possuir, nada carregar, nada pedir, nada calar e, sobretudo, nada matar”, contempla agora o Deus da Vida, a quem buscou servir em cada pobre, em cada sofredor”.

Foi lida também mensagem do geral dos padres claretianos, a congregação de Pedro, o provincial dos padres agostinianos que cuidaram dele nos seus últimos anos e o atual bispo de São Félix, Dom Adriano Coscia Vasino.

Em seguida, também por vídeo, o Embaixador da Espanha no Brasil, Fernando García Casas, prestou sentida homenagem a Dom Pedro, seu compatriota. Saudou-o como “brasileiro, latino-americano, catalão, espanhol”. Pedro tornara-se autêntico brasileiro, identificado com os sertanejos, indígenas e migrantes do lugar, para melhor servir ao povo da sua vasta Prelazia, solidário aos pobres e às suas causas em todo o mundo, sem mirar fronteiras.

No dia anterior, 08/08, já havia sido postado no twitter da Embaixada mensagem junto com uma foto de Pedro com dois indígenas: *“Profunda tristeza por la muerte del Obispo #casaldaliga. Un hombre impactante por sus ideas y sus actos. Comprometido con los más pobres, vulnerables y olvidados. La voz de los indígenas en la Amazonia. Nos deja un catalán y español universal. DEP. @MAECgob @EmbEspBrasil 2:02 PM · 8 de ago de 2020·Twitter for iPhone*





Na janela da casa de seus pais, o preito dos familiares e conterrâneos: o retrato de Pedro, com seu habitual traje “episcopal”: a camisa de manga curta e um inseparável boné, para se proteger do sol do sertão⁵. O chapéu de palha fora usado na sua sagração como mitra, episcopal. O altazinho armado na janela da casa de seus pais e irmãs está coberto com uma manta indígena guatemalteca, traz um remo dos hábeis canoeiros Karajá. No chão, à direita, uma figurinha humana entalhada na madeira por mãos Karajá e “vestida” com a pintura corporal própria deste povo.

⁵ Sobre a maneira de Pedro se trajar, LE enviaram pequena nota: *Pedro sempre fez questão de estar arrumado. Com roupas simples, mas arrumado. Mesmo quando já estava muito doente, fazia questão disso. O chapéu de palha foi usado na sua ordenação como símbolo de seu compromisso com o povo humilde. No dia a dia, Pedro usava um boné.*



Suas irmãs (em cadeiras de roda) com parentes, defronte à casa da família Casaldàliga, em Balsareny na Catalunha – Espanha

Santuário dos mártires da caminhada

“Se calarem a voz dos profetas, as pedras falarão...” (Lc 19, 40)

No caminho de quase mil e quatrocentos quilômetros de Batatais para São Félix, Ribeirão Cascalheira foi parada obrigada. A comitiva ali chegou no dia 10.

A noite transformou-se numa vigília, semelhante à vigília pascal das primeiras comunidades cristãs, em que se passava a noite toda em oração, à espera do despontar do sol, para se celebrar a Ressurreição.

Antônio Canuto registrou essa parada: *“Gente, estamos em Ribeirão Cascalheira. O corpo do bispo Pero chegou aqui pelas 18,15. Agora às 21 horas, vai ter uma celebração no Santuário dos Mártires. À meia noite um encontro dos atuais agentes da Prelazia e dos antigos que aqui se encontram”*.

Reproduzo trecho de texto que escrevi em 2007:

“Ali, no povoado de Ribeirão Bonito, a 11 de outubro de 1976, Dom Pedro e o missionário jesuíta Pe. João Bosco Penido Burnier acudiram à cadeia local de onde se ouviam os gritos de duas mulheres presas, dona Margarida Barbosa e Dona Santana. A primeira estava sendo espancada e torturada e a segunda, ainda de resguardo pela criança recém-nascida fora violentada por soldados da Polícia Militar de Mato Grosso.

Quando intervieram em favor daquelas mulheres, o bispo e o padre foram ofendidos e insultados. O padre recebeu um soco e uma coronhada no rosto e um tiro de bala dum-dum na cabeça, pois alto e corpulento tinha mais cara de bispo do que o franzino Pedro Casaldáliga.

Levado agonizante para Goiânia, Pe. Burnier faleceu no dia seguinte, 12 de outubro, data fatídica para os povos indígenas do continente e dia feliz para Espanha e Europa que iniciaram em 1492 a colonização destas terras⁶.

A data enlaça duas ardentes preocupações do bispo Casaldáliga: a Memória dos Mártires e a Pátria Grande Latino-americana:

*“América India todavía
-- madre en la Libertad y en la Sabiduría!*

*América, ayer española
-- romántica novia!*

*América Libre Nueva mañana
-- hermana!”⁷.*

Ali em Ribeirão Bonito, terminada a missa de sétimo dia, o povo indignado destruiu e queimou a delegacia de polícia, local de espancamentos, injustiças e barbaridades a serviço dos poderosos contra os pequenos do lugar. Sobre as ruínas, plantaram uma cruz, a Cruz da Libertação,

⁶ Cfr. CNBB, *Comunicação Pastoral ao Povo de Deus*. Documento 08 . São Paulo: Paulinas, 1976, p. 3

⁷ CASALDÁLIGA, Dom Pedro, *Antologia Retirante – Poemas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 158.

e depois, no outro lado do córrego, em 1977, foi construída uma capela em mutirão. Começou com uma Assembleia do Povo que ali se realizou e foi inaugurada quando se completava um ano da morte do Pe. Penido⁸.



Cadeia de Ribeirão Bonito destruída e queimada pelo povo. Do outro lado do córrego foi erguida uma capela, para lembrar o martírio do Pe Penido. Transformou-se depois no Santuário dos Mártires.

Mais tarde, foi levantado o Santuário dos Mártires da Caminhada, com painéis de Cerezo Barredo⁹, lembrando aquele martírio e os milhares de outros que ensanguentaram a “Nossa América” nas décadas de 70 e 80, incluindo o do Arcebispo de El Salvador, Dom Oscar Romero, junto com tantos delegados da Palavra, tantos indígenas guatemaltecos, como o pai e outros familiares de Rigoberta Menchú, religiosas e religiosos, catequistas e mães de família.

⁸ Comentário de AC.

⁹ Sobre este e outros murais de Cerezo pintados nas Igrejas da Prelazia, veja, Cerezo BARREDO & Pedro CASALDÁLIGA, *Murais da Libertação: na Prelazia de São Félix do Araguaia, MT, Brasil*. São Paulo: Loyola, 2005.



Santuário dos Mártires da Caminhada em Ribeirão Cascalheira



Na parede do fundo do Santuário, o mural de Cerezo Barredo com o Ressuscitado acompanhado pelos mártires da América Latina. À esquerda do Cristo, paramentado o arcebispo de El Salvador, hoje, São Oscar Romero.

O *Pai Nosso dos mártires*, composto por Cirineu Kuhn SVD, tornou-se a expressão mais acabada do encontro da antiga e nova tradição em torno da oração que Jesus ensinou aos seus discípulos. Esse Pai Nosso foi composto quando do assassinato do jovem padre comboniano Ezequiel Ramin, missionário na diocese de Ji-Paraná RO¹⁰.

¹⁰ AC

A partir do evento que fez surgir o Santuário e da memória que ali se celebra a cada dia e, de modo particular por ocasião da grande Romaria dos Mártires, é que o Pai Nosso dos Mártires tornou-se a súplica e o compromisso das CEBs e de todo o povo da caminhada:

PAI-NOSSO DOS MÁRTIRES

Pai-nosso, dos pobres marginalizados!
Pai-nosso, dos mártires, dos torturados!

Teu nome é santificado
naqueles que morrem defendendo a vida.

Teu nome é glorificado
quando a justiça é nossa medida.

Teu reino é de liberdade
de fraternidade, paz e comunhão.

Maldita toda violência,
que devora a vida pela repressão.

Queremos fazer tua vontade
És o verdadeiro Deus libertador.

Não vamos seguir as doutrinas
corrompidas pelo poder opressor.

Pedimos-te o Pão da vida
o pão da segurança, o pão das multidões,
o pão que traz humanidade,
que constrói a vida em vez de canhões.

Perdoa-nos quando por medo,
ficamos calados diante da morte!

Perdoa e destrói os reinos
em que a corrupção é a lei mais forte.

Protege-nos da crueldade
do Esquadrão da Morte, dos prevalecidos.

Pai-nosso, revolucionário,
parceiro dos pobres, Deus dos oprimidos!

“Enterrem meu coração na curva do rio”¹¹

Na terra sagrada do cemitério dos Karajá, sua última morada



Indígenas Xavante carregando o corpo de Dom Pedro Casaldáliga (Foto: CPT/Dagmar Talga)

Levado por jovens guerreiros do povo Xavante, pintados para o ritual dos mortos, o corpo de Pedro Casaldáliga foi entregue de volta à Mãe Terra, a Abya Yala ameríndia, para florescer à sombra de um frondoso pequizeiro, sob o olhar cúmplice das águas do Rio Araguaia, que pareciam passar, mais lentamente do que de costume, para se despedir do amigo.

Já era a manhã de 12 de agosto de 2020, um dia claro e luminoso, festa de Santa Clara de Assis.

Passamos a palavra para uma testemunha ocular, Antônio Canuto da CPT nacional, que estava ali presente, anotando e narrando os acontecimentos derradeiros da despedida do povo a Dom Pedro.

¹¹ BROWN, Dee, Enterrem meu coração na curva do rio. 1970.

Como jovem padre, Canuto, fora seu companheiro de missão e havia colaborado com a coleta de dados e de relatos, que embasaram a redação da carta pastoral de Dom Pedro, como bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia: *“Uma Igreja na Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social”*.

“À sombra de um frondoso pequizeiro, Pedro foi plantado.

Na manhã deste dia 12 de agosto de 2020 o bispo Pedro foi plantado à sombra de um frondoso pé de pequi, em São Félix do Araguaia.

Do mesmo jeito simples e pobre, como sempre viveu, o bispo Pedro Casaldáliga foi sepultado.

Seu corpo chegou a São Felix no final da tarde do dia de ontem e foi acolhido pela equipe pastoral da Prelazia de São Felix e pelo povo da cidade, cercado de todos os cuidados que o momento de pandemia exige.

Durante a noite toda, foram feitas diversas homenagens a Pedro, lembrando momentos fortes de sua passagem por esta terra e sobretudo por depoimentos emocionados de pessoas que narraram como foi o seu contato com a Prelazia e seu bispo.

Hoje, antes do início da celebração de despedida de Pedro, foram lidas algumas das muitíssimas mensagens recebidas pela Prelazia de diversos lugares do Brasil e do mundo.

O grupo de antigos agentes que passaram pela Prelazia e de muitas outras pessoas, que se identificam com a caminhada desta igreja, produziu um grande banner com fotos de suas mãos. Foram mãos que junto com Pedro tentaram construir esta nova Igreja.

Às 8:00 horas, teve início a celebração da missa com um canto ritual dos indígenas do povo Xavante. A ele se seguiu o restante ritual da missa.

Dom Adriano Ciocca Vasino, atual bispo da Prelazia, falou no comentário às leituras que Pedro se fez peão com os peões, índio com os índios, posseiro com os posseiros. Que ele cultivou um amor universal sem diferenças de raça, cor e religião, porque o que importava era a construção do Reino. Afirmou ainda que Pedro se fez evangelho, e que a marca registrada desta Igreja é sua força de transformação.

Ao final da celebração, foi lida uma mensagem da família de Pedro que pediu que aquelas pessoas que cuidaram de Pedro, durante todo o período da sua doença, a representassem naquele momento. Estas pessoas cercaram então o caixão enquanto a mensagem era lida.

Dom Adriano leu a bela mensagem enviada por dom Leonardo Ulrich Steiner, o bispo que sucedeu a Pedro em São Felix e que agora é arcebispo de Manaus. Dom Leonardo disse na sua mensagem que Pedro era um profeta, mas muito mais que um profeta, era um místico. Suas palavras não eram só letras, eram espírito, pois eram geradas pelo seu profundo encontro com Jesus, e em Jesus, com os pobres.

Foi também destacada a mensagem enviada por Adolfo Pérez Esquivel, prêmio Nobel da Paz e amigo de Pedro.

Os bispos de Porto Nacional [Dom Romualdo Matias Kujawski] , Miracema [do Tocantins, Dom Philip Dickmans] e Palmas [Dom Pedro Brito Guimarães] no Tocantins; o da Prelazia de Alto Xingu-Tucmã [Dom Jesus María López], no Pará, e o de Juína [Dom Neri José Tondello], no Mato Grosso, que participaram da celebração se apresentaram.

E a celebração se concluiu com um ritual do povo Xavante no qual ressaltaram a tristeza que o povo vive por perder esta pessoa tão importante nas suas lutas.

Logo se seguiram os rituais de encomendação do corpo que foi trasladado para o cemitério.

A entrada no cemitério foi controlada para se evitar aglomeração de pessoas. Só os padres e algumas poucas pessoas puderam acompanhar o sepultamento.

Ao final, os Xavante colocaram no túmulo uma cruz, que trouxeram da aldeia.

As demais pessoas puderam entrar, quando o primeiro grupo deixou o local.

O que nos resta a fazer é preservar o legado de Pedro, vivendo segundo o que ele ensinou, mais com seu exemplo, que com suas palavras.

Canuto”.

Não faltaram à Prelazia, seu bispo e seu povo, mensagem de apreço e consolo do Papa Francisco, da presidência da CNBB e do CELAM e de centenas de comunidades e pessoas amigas, dos agentes de pastoral e dos companheiros bispos de Dom Pedro.

Estava ausente, entretanto, naquela despedida o povo Tapirapé, grandes amigos do Pedro, das Irmãzinhas de Jesus e da Prelazia.

As aldeias haviam escolhido sua delegação. Encarregaram-na de “encomendar” e sepultar, segundo os ritos de sua cultura, aquele que se fizera Tapirapé com os Tapirapé.

Foram impedidos, porém, de viajar pelo recrudescimento da pandemia do Covid19.

Prometeram, assim que amainasse a epidemia, partir de suas aldeias. Estas multiplicaram-se. A maior parte dos Tapirapé, hoje, mora na Terra Indígena Urubu Branco, território reconquistado em 1993. Eles se locomovem somente por terra, valendo-se da BR 15/8 e estão distantes da primeira e única, bem pequena, que ficava próxima à desembocadura do Rio Tapirapé no rio Araguaia¹².

Irão até São Félix, a fim de se despedirem do Pedro, “sepultá-lo” e deixar seu espírito partir em paz para Deus.

¹² Observações enviadas por AC e LE.

A simplicidade do túmulo de um homem santo: Pedro Casaldáliga, bispo.



No muro todo pintado de branco do cemitério, uma grande faixa foi estendida:

VIVA A ESPERANÇA!

São Paulo, 12 de agosto de 2020

Festa de Santa Clara, irmã de alma e coração,
fiel companheira dos sonhos e loucuras de Francisco, o “poverello” de Assis

José Oscar Bezzo